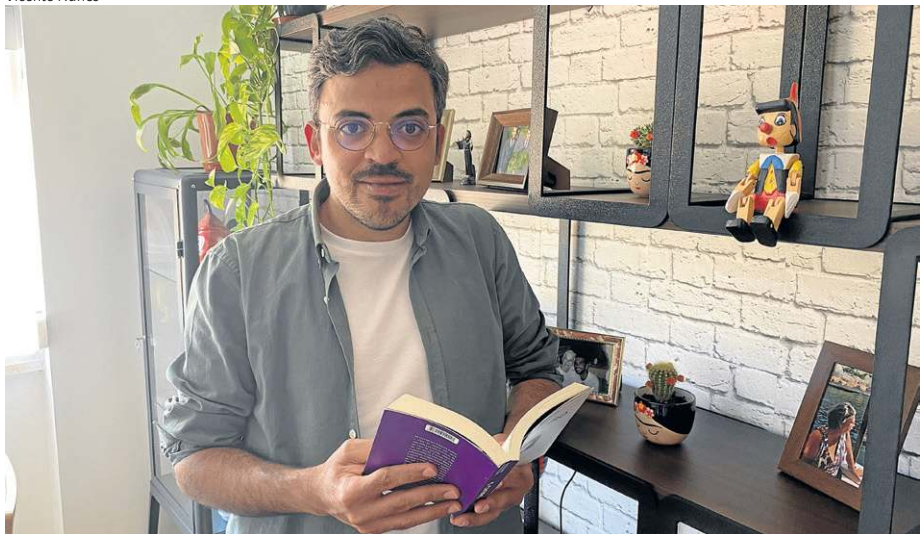


Em Sorbonne, um craque na linguagem dos bebês

Brasileiro lidera algumas das principais pesquisas no mundo sobre como as crianças se comunicam

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Vicente Nunes



Alex de Carvalho: "Tenho medo de que o país continue perdendo seus cérebros"

Lisboa — Aliás, que fique claro: apesar da origem humilde e das dificuldades que teve de superar ao longo de sua trajetória, o professor Alex de Carvalho, 36 anos, da Universidade de Sorbonne, na França, não quer — e não gosta — de ser visto como um coitado. Muito pelo contrário. O fato de, aos oitos meses de idade, ter sido dado pela mãe à avó paterna e de ter crescido numa das cidades mais violentas e pobres do país, São Gonçalo, no Rio de Janeiro, em nada o impede de se considerar um felizardo, uma pessoa a quem a vida ofereceu tudo de bom. "Está claro que, vindo de onde vim, faz de mim uma exceção. Mas, ao mesmo tempo, acho que eu tive tantos privilégios depois, que não consigo me achar um coitadinho. Não visto essa bandeira, porque há pessoas que enfrentam barreiras muito piores", diz.

A infância de Alex na pobreza sempre foi compensada com muito amor pela avó, dona Anna, que, mesmo tendo estudado até o quarto ano do ensino fundamental, sempre viu a educação como a base de um futuro melhor. E isso o professor de psicologia de uma das mais renomadas universidades do mundo absorveu desde cedo. Tanto que, para ele, faltar à escola era uma tortura, ainda que estivesse doente. "Ficava triste. Gostava demais de ir às aulas", conta. A avó, por sinal, não queria qualquer escola para o neto, desejava as melhores, nem que isso significasse passar a noite numa fila para garantir uma vaga ou pedir ajudar a algum conhecido. "Ela sempre procurava pessoas que admirava para pedir conselhos sobre a minha educação. Não economizava nos esforços", lembra ele.

Aos 13 anos, antes de terminar o ensino fundamental, Alex tomou para si a missão de encontrar um colégio no qual não enfrentasse as constantes greves de professores das escolas públicas. Soube, por vizinhos, que o dono de um colégio particular muito conceituado na região onde morava estava se movimentando para entrar na política e havia anunciado que distribuiria algumas bolsas de estudo para alunos carentes. Sem avisar a avó e o pai, com o qual cresceu como se fosse um irmão mais velho, procurou o empresário e lhe pediu uma oportunidade. O então candidato a vereador se espantou com a petulância daquele garoto, mas não escondeu a sua admiração diante da convicção com que ele falava. Em vez de um desconto nas mensalidades, deu uma bolsa integral ao menino.

Antes, porém, de comunicar a boa notícia a Alex, o dono da escola lhe perguntou onde estavam os pais dele. O menino explicou que o pai trabalhava à noite e, naquele momento, estava dormindo. A mãe, ele pouco via. Assim que ela lhe entregou à avó dele, mudou de cidade, casou-se e construiu uma nova família. Portanto, cabia a ele lutar pelo que queria, sempre com o apoio de dona Anna. O ano em que o garoto passou no colégio particular foi vital do ponto de vista intelectual. Isso ficou claro quando se candidatou a uma vaga para o ensino médio em uma das escolas públicas mais disputadas do Rio. Passou para cursar propaganda e marketing. A avó, no entanto, não aprovou a iniciativa. Era demais para ela ver o neto, tão pequeno e sozinho, atravessar todos os dias a Ponte Rio-Niterói.

Vitórias e atropelos

O jeito, então, foi Alex se reinscrever num novo concurso, desta vez para fazer eletrotécnica, um curso que ele não queria, mas que o pai e a avó acreditavam que garantia ao menino um emprego certo quando se tornasse adulto. As aulas eram em tempo integral, com muita matemática, física e química. "Era complicado para mim, pois tinha mais tendência para a área de humanas", diz. Tempos depois, quando foi fazer vestibular, ele entendeu que todo o conhecimento adquirido naquela etapa seria relevante para lhe garantir uma vaga na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma das mais reconhecidas do país. Melhor ainda: aquela base de cálculos e fórmulas teria papel preponderante nas pesquisas que, mais à frente, ele desenvolveria, tornando-o referência em linguagem para crianças.

No primeiro vestibular, para direito, curso escolhido pelo pai, não passou. Na segunda tentativa, a opção de Alex na UFRJ foi por letras e francês, língua que ele desconhecia, mas o desafiava. Porém, a tão sonhada aprovação para a universidade veio acompanhada da informação de que o curso seria durante o dia. Portanto, o jovem não poderia trabalhar para pagar os custos de transporte, de alimentação e com material escolar. "Só de transporte eram R$ 20 por dia, quase um salário mínimo por mês. Minha avó não tinha como me ajudar", afirma. O jeito foi improvisar: ele se comprometeu a fazer as duas primeiras matérias pela manhã, para às 10h estar no serviço, e assim fechar o primeiro semestre. Em seguida, trancou a matrícula. Ele precisava se capitalizar para parar de trabalhar e levar o curso até o final.

Dois anos depois, Alex estava de volta às salas de aula, das quais não sairia mais. Nesse retorno à UFRJ, se deparou com um curso de linguística de uma professora que era especialista em neurociência da linguagem e neurofisiologia. Ele ficou encantado com a possibilidade de descobrir os mecanismos cerebrais que suportam o aprendizado da linguagem. "A professora nos disse que, com aquele curso, nós iríamos descobrir se realmente gostávamos ou não de linguística", conta. Não deu outra. Ele não só se apaixonou pelo tema, como decidiu que se dedicaria a estudar como as crianças aprendem a linguagem.

"A professora nos falou que uma criança de dois, três anos, que muda para outro país e que simplesmente escuta os falantes dessa localidade, vai aprender, sem nenhum esforço, a falar a nova língua sem sotaque. Questões como essa foram me instigando", relembra. A partir daí, mergulhou de vez nas pesquisas, primeiro, analisando estudos feitos por cientistas renomados, depois, conduzindo os próprios trabalhos. "Entrei na universidade achando que queria ser professor para ensinar crianças, mas quando vi toda a área da pesquisa, decidi descobrir como elas aprendem para poder melhorar o método de ensino que lhes é oferecido", diz.